



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RELAÇÕES RACIAIS ENTRE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: MÚLTIPLAS LEITURAS SOBRE RAÇA, MUDANÇAS E CONTINUIDADES NAS PRÁTICAS DE PRECONCEITO RACIAL

Fernanda Vasconcelos Dias
Faculdade de Educação – FaE/UFMG
dias.fernandav@gmail.com
Prof. Dr. Juarez Tarcísio Dayrell
Faculdade de Educação – FaE/UFMG
juareztd@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um panorama dos resultados parciais do projeto de pesquisa de mestrado, em andamento, intitulado: “As Relações Raciais entre Jovens Estudantes do Ensino Médio”. Esta pesquisa se propõe compreender como se estabelecem as relações raciais entre jovens negros (pardos e pretos) e brancos estudantes de uma escola pública de Ensino Médio, a partir do cotidiano escolar de uma turma de 3º ano. Buscamos apreender como estes jovens significam estas relações no interior da sala de aula e elaboram suas concepções a respeito da questão racial. Neste sentido, voltamos nosso olhar para como os jovens se relacionam uns com os outros, como eles constroem suas redes de pares e como (e se) o pertencimento étnico-racial destes sujeitos repercute nestas interações, buscando perceber a visão destes sujeitos sobre a questão racial e suas implicações na escola e na sociedade.

Optamos por uma análise qualitativa e desenvolvemos um Estudo de Caso (BECKER, 1999), por este apresentar características metodológicas que se mostraram mais adequadas aos objetivos propostos. O trabalho de campo foi realizado em 2010, de modo que utilizamos vários instrumentos metodológicos como Observação Participante, Questionário de Perfil Socioeconômico dos Jovens, Grupos de Discussão, Análise Documental, Entrevistas Individuais; e também, Questionário Aplicado aos Professores, buscando a opinião destes sobre a turma investigada.

As reflexões que pretendemos desenvolver neste trabalho não alcançarão todo o escopo analítico que tem sido construído no processo de produção de conhecimento em



curso. De modo que nos voltamos aqui para as discussões teóricas até então construídas sobre conceitos fundamentais da pesquisa, tal como para a problematização de alguns tópicos temáticos que compõem nosso esforço de análise. Procuramos com isso, permitir uma maior compreensão da interface entre juventude, relações raciais e a escola de Ensino Médio, proposta nesta investigação. Abordamos também, alguns apontamentos que já emergiram deste processo analítico que se encontra em construção, no intuito de possibilitar reflexões referentes a uma das possibilidades de se analisar as relações raciais na sociedade brasileira, a saber, sob o ponto de vista de um grupo específico de jovens estudantes.

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE CONTEXTOS E CONCEITOS

O entendimento quanto à importância de estudos sobre juventude e sobre raça figura-se como o ponto de partida de nossa pesquisa. Assim, um dos nossos esforços iniciais voltou-se para a análise deste campo de estudos e buscamos nos aproximar das produções que discutiram juventude e relações raciais, para compreender como nossa investigação se figura numa “roda” que não inventamos.

Neste sentido, nos limitamos a uma leitura horizontal das produções sobre “Jovens Negros”¹ apontadas por SPOSITO (2009) que compreendem o período de 1999 a 2006 e que abrangeram o campo da Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. Atentamos para aqueles trabalhos que tivessem como temáticas: juventude, escola, raça e relações raciais e Ensino Médio.

Além disso, realizamos um esforço de pesquisa junto a três Bancos de Dados de Teses e Dissertações que são referências nacionais² compreendendo o período de 2007 a 2009, buscando trabalhos que também abrangessem as temáticas: juventude, escola,

¹ O Tema “Jovens Negros” não foi contemplado com a produção de uma análise mais sistematizada dos trabalhos inseridos nesta temática e não entrou na publicação de SPOSITO (2009), aqui mencionada.

² Pesquisamos os seguintes bancos de dados: Banco de Teses da CAPES (<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (<http://bdtd.ibict.br/>); e Domínio Público – Teses e Dissertações (http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=30850&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=&co_categoria=57&pagina=618&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=NU_PAGE_HITS&ordem=des)



raça e relações raciais e Ensino Médio³, observando as Áreas da Educação e das Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia). Como dito, realizamos um esforço de pesquisa de produções, e esse teve caráter exploratório. Reconhecemos assim, que não se trata de um *Estado do Conhecimento* deste período, que exigiria um rigor e saturação metodológico-analítica, que ultrapassem os objetivos deste estudo.

Devido ao recorte proposto neste trabalho, não teremos condições de mencionar os trabalhos selecionados a partir das pesquisas bibliográficas realizadas nas duas vias mencionadas⁴. Podemos dizer que no período de 1999 a 2006 encontramos dezoito estudos e no período de 2007 a 2009 foram encontradas doze pesquisas, considerando os recortes relacionados às áreas de conhecimento e fontes de pesquisa. De todo modo, cabe-nos trazer um pouco dos seus apontamentos.

O panorama da produção de conhecimento sobre juventude e relações raciais integra o esforço de análise presente na pesquisa de mestrado na qual encontramos empenhados figura-se como um esforço em reconhecer a importância dos estudos recentes que fazem tal intercessão. Ao mesmo tempo, mostra-se como um apontamento da necessidade de mais estudos que façam tal discussão.

As trinta produções mencionadas acima apontaram lacunas e avanços que mereceriam um aprofundamento analítico que não cabe aos limites da pesquisa em andamento e também do texto aqui proposto. Mesmo considerando tais limites podemos dizer que a partir destes estudos conseguimos nos situar em um campo de estudos que ultrapassa esta pesquisa e que por isso, dá a ela outro sentido, no bojo de uma demanda ainda latente: o conhecimento sobre o estabelecimento das relações raciais entre os jovens de diferentes grupos raciais. De modo que como foi visto neste breve panorama a percepção sobre tais relações no interior da escola mostra-se relevante para o entendimento do papel desta instituição numa sociedade na qual às relações raciais são operantes e por isso não deveriam ser desconsideradas pela escola.

³ Nesta pesquisa exploratória utilizamos os seguintes descritores: Negro/Negros/Relação Racial/Relações raciais/Relações Étnicorraciais/Relações Étnico-Raciais/Branco Negro/Raça Ensino Médio/Negro Ensino Médio/Negro Escola.

⁴ Disponibilizaremos tais referências bibliográficas e a dissertação de mestrado na versão integral, após sua conclusão no segundo semestre de 2011, através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/>



De maneira breve podemos dizer que entre os avanços verificados nestes trabalhos observamos seu comprometimento com a compreensão da realidade dos seus estudantes tangenciada pela questão racial. O olhar sob os jovens negros, como aconteceu com a maioria destes trabalhos, configurou-se como um avanço no campo de estudos educacionais, visto que esta especificidade mostrou-se influente na vivência da condição discente destes sujeitos. Em muitos estudos percebeu-se que a dimensão racial não passa despercebida no interior da escola de Ensino Médio, seja pelos nos estereótipos, pelo rendimento escolar ou outras dimensões que dialogam com o pertencimento étnico-racial.

Ao falarmos sobre as lacunas observadas podemos apontar a necessidade de estudos educacionais, com recorte para as dimensões raciais que atentem para os diferentes grupos raciais *em relação*. Parece-nos que esta lacuna é na verdade uma nova perspectiva de estudos que só se fazem necessários hoje devido ao trajeto que os estudiosos da situação dos negros no país percorreram até aqui. No caso do nosso recorte verificou-se que estudos sobre jovens e raça mostram-se ainda incipientes e é por isso que a necessidade de estudos sobre as relações raciais entre jovens brancos e negros e/ou de outras raças/etnias não anula a relevância e a necessidade de estudos que continuem a focar a situação da juventude negra nas escolas e também em outros espaços sociais.

A leitura destes trabalhos possibilitou-nos a percepção e/ou confirmação de algumas dimensões que precisam ser abordadas em nossa pesquisa, como a imprescindível aproximação conceitual da categoria juventude, raça e relações raciais. Faz-se necessária uma contextualização sobre quadros histórico-sociais específicos que interessam a este tipo de estudo, como a situação do Ensino Médio no Brasil articulada com as desigualdades educacionais e raciais presentes e ainda atuantes neste país, que atuam junto à população negra no geral e à juventude que a integra.

Então, o que temos chamado de juventude? Em uma pesquisa que tem os sujeitos jovens como o foco de sua atenção é indispensável esclarecer o que estamos chamando de juventude. Esta conceituação não é um exercício fácil, pois o conceito de juventude não dispõe de uma definição fixa e/ou consensual. No entanto existem contribuições de teóricos e pesquisadores que vem trabalhando com os jovens como



sujeitos de suas reflexões e que podem nos dar pistas sobre uma aproximação mais assertiva do significado desta fase da vida.

De modo sintético, podemos dizer que concordamos com Dayrell quando ele nos fala que “na ótica da diversidade existem diferentes modos de ser jovem, resultado, em parte, das próprias condições sociais nas quais esses sujeitos constroem sua experiência” (2005, p. 26). Podemos sim, falar em *juventudes*, no plural, devido ao reconhecimento de que existe uma grande diversidade social e cultural. Sendo *juventude* uma categoria socialmente construída e marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc.), de gênero e, até mesmo geográficas, dentre outros aspectos.

A partir deste entendimento, consideramos que sujeitos na vivência a sua condição juvenil podem nos explicar muito sobre os processos sociais em curso na sociedade na qual eles encontram-se inseridos. Visto que além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se na medida das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história.

Assim percebemos que os jovens enquanto sujeitos que experimentam os dilemas da condição juvenil relacionados às novas experiências na sua constituição social, psicológica e relacional podem nos ajudar na compreensão sobre o seu entorno. Em especial, no entendimento que interessa à nossa investigação, relacionando este entorno às desigualdades e às relações sociais, e especificamente, aquelas de cunho racial.

Ao propomos uma pesquisa vinculada às relações raciais no cotidiano escolar dos jovens estudantes do Ensino Médio remetemo-nos a um entendimento que confirma a existência de diferentes grupos raciais neste cenário. **Mas afinal, qual o nosso entendimento com relação à raça e às relações raciais?**

De maneira resumida, podemos falar que utilizamos o conceito de raça na sala de aula pesquisada, compreendendo seu funcionamento na vida social brasileira e não obstante, buscando suas repercussões no contexto escolar específico, que não está alheio à realidade social. Neste sentido sustentaremos nosso entendimento quanto ao conceito de raça na leitura de Guimarães, quando ele nos diz que



“Raça” é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente à certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. (GUIMARÃES, 2005, p.11)

Consideramos que o conceito de raça é sociológico e nativo e tem sua aplicabilidade na realidade social brasileira. Desta maneira, mesmo que os sujeitos não demonstrem verbalmente e/ou explicitamente que percebem as diferenças raciais, estas podem estar regendo de modo marcante ou não, as leituras que os mesmos fazem da sua realidade e daqueles que se encontram no mesmo contexto.

É nesta perspectiva que trabalhamos com o conceito de relações raciais. Entendemos que o uso que Guimarães (2005) faz da expressão *relações raciais* seguindo o sentido que ela ganhou na Escola de Chicago no começo do século XX se enquadra melhor à investigação que propomos e abre um leque mais abrangente de interpretação dos fenômenos sociais que possam envolver tais relações. Nesta perspectiva podemos delimitar como um entendimento básico das relações raciais neste estudo a referência às relações estabelecidas entre *negros* (pretos e pardos) e *brancos*⁵.

Este recorte e entendimento não significam que estamos tendo-os como uma conceituação definida. Pelo contrário, buscamos nos aproximar um pouco de tal conceituação a partir da pesquisa realizada, visto que a complexidade das relações raciais no Brasil, a força da dimensão socioeconômica cruzando com as questões raciais, a mestiçagem, a miscigenação, o histórico brasileiro relacionado à população negra desde a escravidão até a diáspora, a forma brasileira de lidar com o racismo,

⁵Isto não quer dizer que desconsideremos a importância de outras raças/etnias que compõem a sociedade brasileira, mas explicita o recorte de nossa investigação. Nele não utilizamos as terminologias *negro/não-negro* e *branco/não-branco*, mas sim *negros* (*uma junção de pardos e pretos*) e *brancos*, em consonância com as categorias que designam raça/cor do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Telles (2003) mesmo argumenta que o uso dos termos em geral se mostra problemático e que as escolhas se fazem necessárias. Em especial, quando se refere ao termo *não-branco* o autor lembra que “a rigor, o termo não-branco deveria incluir as populações pequenas e regionalmente localizadas de asiáticos e grupos indígenas, as duas outras categorias do censo.” (TELLES, 2003, p. 39) Tal como este autor nos não trabalharemos com tais categorias.



dentre outros fatores, fazem com que esta não seja uma conceituação simples, pois a investigação também não o é.

A complexidade dos estudos que abordam as relações raciais fez-nos avançar para a tentativa de compreender tais relações no ambiente escolar, dada sua relevante função social. Assim, podemos nos perguntar: **qual a importância da escola de Ensino Médio nesta investigação?**

A discussão sobre o Ensino Médio, recortando a dimensão das desigualdades educacionais e raciais observadas na sociedade brasileira, mostra-se necessária por entendermos que a escola e os sujeitos que ela abarca não estão alheios à sociedade e aos processos sociais. Sendo a instituição escolar um lugar de produção e reprodução, releitura e manutenção das realidades sociais e compreendendo seus sujeitos como socioculturais, os vemos como inseridos e alcançados por tais realidades.

Um breve passeio pelo histórico do Ensino Médio da Educação Básica pode demonstrar a importância histórica que esta etapa da escolarização representa no cenário brasileiro. Não o faremos neste trabalho, mas podemos mencionar o lugar de poder que o Ensino Médio ocupou até os anos 70, no qual o acesso quase se restringia às elites e às camadas médias da sociedade; as questões que emergiram nos anos 80 e 90 no enredo da reivindicação pela democracia e pela ampliação da educação para todos; dentre outros fatores, colocaram o Ensino Médio como uma etapa da escolarização acessível às camadas populares, mas não livre dos dilemas concernentes à educação brasileira.

Dentre diversos outros fatores que exemplificam tal situação, percebe-se ainda, que a ampliação do Ensino Médio não trouxe consigo medidas necessárias que possibilitassem melhores condições de permanência dos jovens estudantes na escola. Como podemos notar nos estudos de Dayrell, *et al.* (2010) que ao se referir à situação dos jovens estudantes do Ensino Médio da Região Metropolitana de Belo Horizonte – RMBH, indica

um aumento do número de escolas de ensino médio no nível estadual o que não significa necessariamente uma expansão uma vez que, proporcionalmente ocorreu uma redução no investimento do estado no ensino médio ao compararmos o percentual de 2002 (58,1%) para 2007 (52,8%). (DAYRELL, *et al.*, 2010, p. 86)



No que diz respeito aos jovens na faixa etária entre 15 a 17 (público potencial para o Ensino Médio) a taxa de escolarização desse grupo etário tem apresentado crescimento chegando a 85,2% em 2009 (IPEA, 2010). No entanto os dados apresentados evidenciam alguns problemas educacionais que atingem esta população no país, na medida em que

mostram que a frequência líquida ao ensino médio é de apenas 50,9%, ou seja, apenas metade da população dessa faixa etária está no nível de ensino adequado. Esse fato se deve aos entraves observados no fluxo escolar do ensino compulsório (ensino fundamental) que tem elevada taxa de evasão e baixa taxa esperada de conclusão, o que compromete o acesso ao ensino médio. (IPEA, 2010, p.19)

De fato, na atualidade os jovens estudantes e os demais sujeitos que compõem a comunidade escolar vivenciam uma realidade complexa e seu entendimento não se dará a partir de explicações lineares. Uma das possibilidades de compreendermos melhor este cenário é atentarmos para os cenários de desigualdades educacionais que ainda incidem sobre a educação brasileira. Quando tocamos nesta questão faz-se necessário atentar para a situação da população negra, que historicamente tem se mostrado a parcela da população mais atingida por tais desigualdades.

Nesta perspectiva as análises quantitativas tão importantes para o desvendamento dos quadros de desigualdades raciais cedem lugar à relevância da análise qualitativa, que precisa investigar como tais desigualdades operam no âmbito das relações sociais e raciais, e como impactam na construção e/ou desconstrução de tais disparidades. Ao nos voltarmos para jovens de diferentes grupos raciais oriundos das camadas populares e estudantes de uma escola pública inferimos que estes podem nos auxiliar a compreender outras dimensões das desigualdades raciais e talvez, até algumas repercussões destas desigualdades num cenário socioeconômico similar.

A ênfase no campo relacional pode ajudar-nos a avançar no entendimento das desigualdades de maneira mais ampla, qualificando a nossa compreensão quanto às relações raciais e dando pistas para a construção de uma convivência escolar e social que considere e reconheça os sujeitos na perspectiva da alteridade.

A PESQUISA EM CURSO E SEUS CAMINHOS ANALÍTICOS



O momento no qual nos encontramos na pesquisa de mestrado coloca-nos na condição de trazer apenas explicitar alguns caminhos que temos seguido na elaboração de nossas análises e estão pautados nos dados que emergiram do campo de investigação. De maneira que traremos algumas informações sobre os sujeitos e o campo da pesquisa e sobre o esforço de análise que tem sido desenvolvido, com algumas percepções e questionamentos decorrentes deste processo.

Lembramos que a pesquisa foi realizada numa escola estadual de Ensino Médio, situada na cidade de Belo Horizonte/MG, na qual dedicamo-nos ao cotidiano escolar de uma turma de 3º ano do Ensino Médio. Durante boa parte do trabalho de campo a turma contou com 40 jovens freqüentes, de modo que a maioria deles se auto-declarou negra, contando com 16 jovens pardos e 12 jovens pretos, seguidos por 10 jovens brancos e 2 jovens indígenas. A turma era composta por 28 mulheres e 12 homens.

No processo de análise e produção do conhecimento temos buscado apresentar um pouco da história do bairro e da região onde a escola pesquisada está localizada. No que diz respeito à escola, descrevemos sua história, abordando suas características físicas, seu quadro de profissionais e suas especificidades organizacionais. A partir deste esforço temos demonstrado que os jovens estudantes pesquisados vieram de uma região com disparidades socioeconômicas, marcado por desigualdades de renda per capita, tal como pela existência de bairros tradicionais e pela incidência de vilas e favelas. Com relação à escola percebemos que ela atende uma maioria de estudantes de camadas populares, mas não figura-se como uma escola com grande atendimento de um público proveniente das localidades periféricas da sua região, pelo menos no seu turno diurno.

Temos dedicado atenção especial à descrição do perfil dos jovens que integram esta investigação. De modo que na construção de nossas análises temos passado por dados que nos deram um panorama sobre a condição juvenil destes sujeitos, como informações de escolaridade; idade; raça/cor; trajetória escolar; condição socioeconômica família; escolaridade, profissão e situação de ocupação dos pais; situação de trabalho dos jovens; condições e acesso ao lazer; e expectativas de futuro dos jovens. Podemos aferir que os jovens da turma pesquisada integram as camadas



populares e que, vivenciam de maneira diferenciada e com intensidades distintas os dilemas relacionados à sua condição socioeconômica. Também não encontramos grandes discrepâncias nos perfis de jovens negros e brancos deste estudo específico, no que diz respeito às suas condições de vida.

Temos procurado abordar o cotidiano escolar da turma investigada, buscando nos aproximar com mais propriedade dos desdobramentos das relações estabelecidas no interior da sala de aula. De modo que destacamos as relações estabelecidas entre os jovens e aquelas estabelecidas entre os jovens e seus professores e ainda, realizamos um levantamento sobre o histórico e rendimento escolar dos jovens estudantes no Ensino Médio, buscando perceber as semelhanças e diferenças entre as trajetórias escolares de estudantes negros e brancos. O cotidiano escolar destes jovens tem apontado uma relação tensa entre estes estudantes e a maioria de seus professores. A dimensão do perfil discente dos jovens não tem apresentado grandes disparidades entre os diferentes grupos raciais.

O fato de termos estabelecido contato com a escola investigada desde o início de 2010 e permanecido cinco meses na sala de aula pesquisada nos possibilitou maior aproximação com os jovens estudantes; uma compreensão das dinâmicas de formação de grupos de amizade; a percepção sobre a relação estabelecida entre os professores e turma; atenção às diferenças nas relações estabelecidas entre os alunos e os distintos docentes; atenção ao perfil discente dos jovens integrantes da Turma 3B; e em especial, nossa observação em sala de aula caracterizou-se como uma busca contínua pela identificação das mais diversas situações que poderiam fazer referência aos grupos raciais, branco e negro, existentes naquela sala de aula e às relações estabelecidas entre tais grupos.

No entanto é preciso reconhecer que para alcançar os objetivos desta pesquisa a observação participante por si só mostrou-se insuficiente, pois a compreensão e a interpretação das relações raciais estabelecidas entre jovens brancos e negros no interior de uma sala de aula demandariam um período maior de permanência no campo de pesquisa, devido à sutileza e complexidade dos objetivos propostos.

Assim, no que diz respeito às relações raciais na sala de aula e na escola, podemos dizer que o cruzamento das percepções provenientes da nossa Observação



Participante com as falas dos jovens durante os quatro Grupos de Discussão analisados e as quatro entrevistas individuais realizadas, tem possibilitado alguns apontamentos interessantes e nos ajudado a superar lacunas proporcionadas por tais sutilezas.

Temos atentado para os contrastes (semelhanças e diferenças) existentes entre o falado e o observado sobre as relações raciais na sala de aula, tal como entre as visões de mundo de sujeitos pretos, pardos e brancos com relação à questão racial na escola e na sociedade. Neste sentido, temos considerado nas análises realizadas, a dimensão dos discursos e das visões de mundo existentes nas falas dos jovens dos diferentes grupos raciais. Considerando assim, as representações que tem surgido sobre a questão racial e as múltiplas ocorrências de situações que os jovens vinculam às relações raciais, aos negros e aos os brancos, dentre outras categorias, com seus diversos desdobramentos.

ALGUNS APONTAMENTOS E MUITOS QUESTIONAMENTOS

Neste esforço de construção do conhecimento, temos nos deparado com alguns apontamentos fortes do campo de pesquisa, que por sua vez, indicam movimentos de mudança/superação e de continuidade/manutenção das práticas de preconceito racial. Ao explicitarmos tais apontamentos não estamos falando que estes são os achados finais da pesquisa em curso, mas no pleno uso da palavra, as três observações que traremos a seguir têm a função neste trabalho de *apontar* por onde tem passado nossas percepções.

O primeiro apontamento refere-se às *relações raciais entre diferentes grupos raciais na sala de aula*. A princípio o estabelecimento de tais relações parece possível, porque ele é tangenciado por outras dimensões importantes da condição juvenil, como a sociabilidade e as afinidades socioculturais. No que diz respeito à condição discente, a proximidade entre estes alunos pareceu facilitada pela incidência de perfis de trajetória e rendimento escolares mais similares entre eles. Esta percepção diz respeito à formação dos grupos de afinidade na turma, que parece não ter sido necessariamente marcada pelo critério racial na sua composição.

Neste apontamento vemos a força dos vínculos de amizade estabelecidos livremente e aparentemente de maneira despretensiosa, situação característica das relações entre pares. Observamos que até mesmo aquelas e aqueles jovens que em



algum momento, durante suas falas nos grupos de discussão ou na entrevista individual, manifestaram visões de mundo que reforçavam uma postura preconceituosa com relação aos negros, em geral, conseguiam estabelecer uma relação de amizade, por vezes intensa, com jovens negros na sala de aula. Assim questionamo-nos: será que na dimensão da sociabilidade os jovens têm conseguido superar alguns pressupostos racistas? Será que os jovens escondem seu preconceito racial atrás do argumento de possuírem “até amigos negros”? Ou será que existe nesta situação a indicação de movimentos de superação do preconceito racial que podem ser melhor explorados e potencializados entre os jovens?

O segundo apontamento diz respeito ao *discurso quase unânime dos jovens quanto à inexistência da influência do quesito racial nas relações* entre os jovens da turma e na escola. De modo que eles também indicaram a inexistência de tensões, conflitos e/ou qualquer outro tipo de situação que estivesse relação com o critério racial na sala de aula. Ou seja, os jovens afirmam que as relações raciais na turma são tranquilas e respeitadas. De fato, podemos dizer que o cotidiano da sala de aula mostrou-se intenso no que diz respeito à agitação e movimentação da turma, mas a temática racial pareceu difícil de observar. Justamente porque ela não se mostrou explicitamente e as tensões foram “aparentemente” superficiais e/ou quase inexistentes.

No entanto, na saturação da análise temos percebido que entre a realidade observada (repleta de percepções dos jovens sobre as diferenças raciais existentes na turma e de brincadeiras de cunho racial) e o discurso proferido pelos jovens, parece estar vigorando uma naturalização e/ou invisibilização de situações preconceituosas na sala de aula (marcada por certa tolerância às gozações de cunho racial entre amigos e pelos silenciamentos). Perguntamo-nos então: o quesito racial não opera nas relações estabelecidas na sala ou ele é invisibilizado? O que gera a tolerância diante de gozações de cunho racial entre os jovens? Como os professores e os jovens reagem diante de brincadeiras de cunho racial no cotidiano escolar? As relações raciais realmente passam despercebidas na turma investigada?

O terceiro e último apontamento refere-se às *representações e percepções dos jovens sobre as relações raciais em si*. De maneira geral, os jovens têm demonstrado perceber fora da escola existem preconceitos, discriminações e racismo operando ainda



hoje na sociedade brasileira. Na esfera do público e quando se fala da vida e realidade social mais ampla, os jovens pareceram reconhecer que existe uma desvantagem relacionada ao negro, por vezes considerado feio, bandido, acomodado, dentre outros adjetivos pejorativos. Esta percepção dos jovens muitas vezes não se expressou através de uma reflexão sobre tal situação, mas houve diversas situações em todos os Grupos de Discussão analisados nas quais os jovens reproduziram e/ou reforçaram tais estereótipos negativos a respeito do negro.

Ao mesmo tempo em que houve certo reconhecimento a existência do racismo no Brasil, a maioria dos jovens apresentou uma postura acrítica com relação às situações de brincadeiras de cunho racial na sala de aula e na vida externa à escola. Isso de certa forma parece apontar para a manutenção de comportamentos preconceituosos, que ao não serem problematizados e/ou enfrentados, se atualizam junto com as novas gerações, concretizando-se por diversos mecanismos, entre eles, as piadas, o humor e a brincadeira. E assim, surgem mais questões: o que faz com que os jovens não problematizem os preconceitos raciais existentes na sociedade relacionando-os com seus pontos de vista e realidade particular? Como os jovens elaboram o argumento do preconceito racial não atingir sua realidade escolar? Os movimentos de continuidade do preconceito racial são potencializados pela lógica da brincadeira? Como os jovens negros e brancos lidam com tais brincadeiras na sua vida social? Como a escola poderia colaborar para a problematização destes movimentos de manutenção do racismo?

CONSIDERAÇÕES... SEM PONTO FINAL

A temática desta investigação está envolta em uma mais ampla, a vivência da condição juvenil numa sociedade marcada pelas desigualdades e preconceitos de cunho racial. Neste sentido, ao consideramos os jovens como sujeitos centrais desta pesquisa reconhecemos que como sujeitos socioculturais inseridos numa fase de vida que aqui chamaremos de juventude, eles podem nos ajudar a compreender questões que interrogam a sociedade e também a escola.

Os jovens fazem leituras do mundo, das relações sociais, dos conflitos e dos consensos que se firmam ao seu redor, de modo que tais experiências sociais também



repercutem na construção de suas leituras individuais sobre este universo social. Não obstante, entendemos que jovens e demais sujeitos inseridos numa sociedade como a brasileira, mais cedo ou mais tarde, esbarram em situações nas quais os conceitos socialmente construídos de raça e/ou de cor são percebidos, aprendidos e assimilados. Ao mesmo tempo, sabe-se que a noção de raça vigente em nossa sociedade tem sido construída num contexto histórico no qual ainda prevalece uma imagem pejorativa do negro, confirmada na manutenção de preconceitos que tem na raça seu fundamento. As desigualdades de acesso à renda, educação, ao emprego, dentre outras, mostram que a leitura classista destas situações não explica sozinha o predomínio da população negra no grupo dos mais atingidos.

Trata-se desta maneira, de reconhecer que existem problemas de cunho racial em nossa sociedade, que por sua vez, parecem repercutir no âmbito das relações raciais entre os sujeitos inseridos neste contexto. Situações relacionadas à raça desdobram-se na sociedade e também se inscrevem nas suas instituições socializadoras, tal como a escola. Mesmo que as questões raciais ultrapassem o espaço de uma sala de aula específica, consideramos que nela pode-se compreender como seus dilemas repercutem neste microespaço social e na formação dos jovens estudantes ali inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO DE TESES DA CAPES. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>. Acesso em: 01.10.2010.

BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 4ªed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>. Acesso em: 01.10.2010.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; PAULA, Simone Grace de; LABORNE, Ana Amélia de Paula; BARROS, Marina Guimarães Paes de e ALVARES, Raquel Pereira. Relatório da Pesquisa: A Realidade do Ensino Médio em Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Mimeo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DOMÍNIO PÚBLICO. Teses e Dissertações. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=30850&ds_titulo=&co autor=&no autor=&co categoria=57&pagina=618&select action=Submit&co midia=2&co obra=&co idioma=&colunaOrdenar=NU PAGE HITS&ordem=des\)](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=30850&ds_titulo=&co autor=&no autor=&co categoria=57&pagina=618&select action=Submit&co midia=2&co obra=&co idioma=&colunaOrdenar=NU PAGE HITS&ordem=des))

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. Editora 34 Ltda., 2ª edição, 2005.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. PNAD 2009 - Primeiras Análises: Situação da Educação Brasileira – avanços e problemas. Nº 66, 18 de novembro, 2010. (Comunicados do Ipea).

SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). Estado da Arte sobre juventude e pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Volume 1. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

TELLES, Edward E. Racismo à Brasileira: uma Nova Perspectiva Sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.